

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

6.º ANNO

11 DE ABRIL DE 1883

VOL. VI — N.º 155



MARIA FAVART, NA «LUCRECIA BORGIA» (Segundo uma photographia de Henque & C.ª de Paris)

CHRONICA OCCIDENTAL

No numero passado a nossa chronica teve que ser á ultima hora mutilada para caber no espaço, que os outros artigos impreteríveis lhe tinham deixado. Isso obrigou-nos a só fallarmos da *Volta do Mundo*, e a retirarmos a noticia d'outros acontecimentos que durante a semana se tinham dado.

— Em theatro tinha havido ainda mais duas novidades n'esses dez dias, a estreia do tenor Lestellier em S. Carlos, e o beneficio do actor Valle no Gymnasio.

O tenor Lestellier teve uma estreia brilhantissima, e o successo que hoje mais podia lisongear um tenor em Portugal. Debutou na *Favorita*, e teve que bisar o *Spirito gentil* perante uma platéa que ha dois mezes ainda o ouvira cantar pelo celebre Gayarre.

O elogio do tenor Lestellier está feito n'estes applausos.

O actor Valle, um dos nossos mais notaveis actores comicos, teve uma esplendida festa na noite do seu beneficio. O theatro estava literalmente cheio e no palco choveram constantemente flores, aos pés do engraçado e talentoso artista. N'essa noite Valle recitou uma poesia comica *O meu imposto* do sr. Antonio de Menezes, que não era novidade d'essa noite, mas que nós ouvimos pela primeira vez.

É engraçadissima essa poesia, tem verve ás pilhas, e sobre tudo uma espontaneidade de espirito, que faria a reputação de Antonio de Menezes como poeta comico, se essa reputação não estivesse feita de ha muito pelas excellentes gazetilhas, que elle ha annos publica diariamente em dois jornaes de Lisboa, com uma fertilidade extraordinaria de inspiração comica e de bom humor.

As novidades da noite foram o *Macaco Azul*, em tres actos, traducção da *Petite Correspondence* de Najac e Hennequin, uma comedia muito engraçada, a que Valle e Montedonio deram um desempenho esplendido; e o *Engaiolado*, uma comedia italiana do repertorio de Leigh, que o sr. Maximiliano de Azevedo imitou com muita graça, e Valle representa magistralmente, não dando um minuto de treguas á hilaridade do publico.

Hoje, temos outras duas novidades theatraes além da novidade grande, de que não podemos ainda fallar porque escrevemos na vespera d'ella se dar — a estreia de madame Favart e da sua companhia no theatro de D. Maria II.

Essas duas novidades são uma comedia original de Antonio Ennes, no theatro do Gymnasio, e a apparição de uma das mais formosas *charges* parisienses no theatro do Principe Real: — *O chapéo de palha de Italia*.

Uma peça de Antonio Ennes é sempre um acontecimento no nosso theatro, mesmo quando é uma comedia feita á pressa, sobre o joelho como o *Primeiro beneficio*.

A reputação notavel do illustre auctor dos *Engaiolados*, do *Luxo*, dos *Lazaristas*, não augmentou cousa alguma com essa pecinha; entretanto o nome glorioso que a firma obriga a critica a occupar-se d'ella.

O *Primeiro beneficio* tem todos os defeitos inevitaveis do *aproposito*: a rapidez de confecção, a sujeição acanhada d'essa concepção artistica aos recursos restrictos d'uma certa e determinada actriz.

Todas as peças que são subordinadas ao feitiço e ás aptidões especiaes d'um artista, são condemnadas fatalmente, embora essa artista seja extraordinaria como a Rachel, e a peça escripta demoradamente como a *Beatriç* ou a *madone de Paris*.

Ora quando a peça é feita a correr, e a actriz é uma principiante, todas as difficuldades se agravam extraordinariamente.

Foi o que aconteceu com o *Primeiro beneficio*.

Escripto expressamente e unicamente para a actriz Lucinda do Carmo, que innegavelmente tem talento e vocação brilhante, mas que não tem ainda senão um anno de theatro, o papel de protagonista da comedia de Antonio Ennes teve que se restringir ás qualidades nascentes da joven actriz, e ao mesmo tempo de avultar na peça para pôr em evidencia essa actriz que começa.

Apertado dentro d'estas exigencias a comedia de Antonio Ennes é um primor de habilidade dramatica, e de tacto theatral.

O *Primeiro beneficio*, reúne n'um pequeno quadro uma serie de situações comicas e dramaticas, que não sendo novas, interessam o publico, e põem em evidencia os recursos muito aprecia-

veis de Lucinda do Carmo, conseguindo assim excellentemente o seu fim.

Além d'isso, a comedia de Antonio Ennes está escripta com o vigor e brilho que distinguem todos os seus trabalhos theatraes, e foi muito applaudida, pelo seu merito proprio: valendo assim duas ovações, uma ao auctor, e outra á actriz Lucinda do Carmo que com ella fez o seu primeiro beneficio.

N'essa mesma noite e depois da comedia de Ennes, a beneficiada, recitou esplendidamente uma bonita poesia do sr. Casimiro Dantas, allusiva á sua mocidade e á sua entrada para o theatro.

— O *Chapeu de Palha d'Italia* caiu estrondosamente no theatro do Principe Real, e esta queda não nos surpreendeu, porque a esperavamos apezar da comedia de Labiche ser uma obra prima no seu genero.

Em primeiro logar *O Chapeu de Palha d'Italia* tem o inconveniente do *Orpheu no Inferno* de Offenbach.

Todas essas *charges* extraordinarias que o theatro francez tem produzido n'estes ultimos annos são filhas do *Chapeu de Palha*, como todas as operas burlescas que o mundo inteiro tem applaudido inteiramente são filhas do *Orpheu*. Mas, como a maior parte da gente conhece as comedias e as operas modernas, e não conhece aquellas a que ellas foram imitar, quando o *Orpheu* appareceu na *Trindade*, o publico que sabia de cor aquella musica, tomou-a como uma imitação das outras operas que vira anteriormente, e agora o publico do Principe Real ao vêr *O Chapeu de Palha de Italia*, pateou-o porque encontrou n'elle todas as peças mais alegres que n'estes ultimos annos o tem feito rir no theatro.

Além d'isso *O Chapeu de Palha d'Italia* é uma comedia muito franceza, o genero da sua graça é sobretudo o da *bêtise*, o genero especial de Labiche: genero que exige um desempenho espectralissimo e um publico tambem differente d'aquelle que está educado na velha escola do melodrama.

O caso é que *O Chapeu de Palha d'Italia* foi pateado agora em Lisboa, no Principe Real como já o fôra ha mais de vinte annos no theatro de D. Maria. O papel principal da peça que foi agora representado pelo actor Antonio Pedro, foi então desempenhado pelo actor Epiphanio. E apezar dos nomes, e dos talentos d'estes dois notaveis artistas, a peça de ambas as vezes caiu.

A primeira queda porém tem explicação diversa da segunda. Agora a platéa do Principe Real pateou *O Chapeu de Palha d'Italia*, parte d'ella, porque encontrou na peça pouco mais ou menos todas as *charges* que tem despertado a sua hilaridade pelos theatros do Gymnasio e da *Trindade*; outra parte, porque só quer no theatro o enredo complicado, as tiradas rhetoricas, e as situações violentas dos dramas de boulevard: ha vinte annos a platéa de D. Maria pateou *O Chapeu de Palha d'Italia* porque não estava ainda habituada a esse genero de comedias, porque a *bêtise* de Labiche lhe parecia uma offensa á arte, porque os actores não sabiam representar aquellas peças nem o publico ouvil-as. E tanto isto é assim, tanto este genero de ha muito triumphante nos theatros da França não estava ainda aclimatado em Portugal, que ha muito menos tempo, ha sete ou oito annos, o publico da *Trindade*, apezar de já se divertir com as operas de Offenbach, pateou furiosamente uma outra engraçadissima *charge* de Labiche *La Cagnotte*, peça que no anno passado teve um successo no Gymnasio imitada com o titulo *O Dinheiro do Anno*.

A idéa d'uma *reprise* do *Chapeu de Palha de Italia* andava ha muito tempo no ar pelos theatros de Lisboa: nós mesmo pensámos em tempo em a fazer; mas recuámos diante da necessidade que julgavamos impreterível, de modificar a peça, porque o publico de Lisboa difficilmente supporta cinco actos a fio de gargalhada, e pela difficuldade de encontrar um bom *ensemble* para o desempenho.

E o resultado da *reprise* do *Chapeu de Palha d'Italia*, no theatro do Principe Real, mostra que não nos enganavamos muito.

— Fôra do theatro, o assumpto que mais preoccupou Lisboa durante estes ultimos dias, foi o duello entre o sr. Pinheiro Chagas e o sr. Magalhães Lima.

Esse duello, graças á intervenção ostentosa da policia, teve as atenções suspensas durante seis ou sete dias.

Foi n'uma segunda feira que se espalhou a noticia do duello, e só no domingo immediato elle se ponde realisar.

Felizmente não teve consequencias desastrosas esse encontro, mas a posição estravagante, to-

mada pela policia, foi deveras original e incommoda.

Não se calcula facilmente o numero de policiaes, que durante tres ou quatro dias, passaram a vida a seguir os dois duellistas e as suas testemunhas, por essas ruas de Lisboa, escandalosamente, com grande gaudio dos ociosos e grande espectáculo para os transeuntes.

Não começaremos aqui a fazer phrases ácerca do que ha de insensato no duello, nem tentaremos esboçar uma lei repressiva d'elles. Mas sem entrar em altas discussões theoreticas, o que é evidente, é que o que não pôde de modo algum ser, é o que se fez com relação a este duello.

Cercar ostensivamente de policiaes a casa d'um sujeito que tem uma pendencia, fazel-o seguir por toda a parte, de magotes de policiaes, como se se tratasse de um gatuno celebre, é de todo o ponto ridiculo, incommodo e inutil.

Inutil, porque é sabido que não ha Antunes nem Castellos Brancos no mundo que possam impedir de se bater dois homens que se querem bater: incommodo, porque obrigam estes encontros a adiamentos, e a ida para o combate a um verdadeiro tirocinio de ratoneiro que quer fugir ás garras da policia; ridiculo, porque desenvolve um apparato eminentemente comico e escandaloso, que se presta á troça d'uma maneira desastrosa.

E tanto isto é assim, que a policia reconheceu no fim de quatro dias o seu erro, e deixou por fim liquidar em paz a pendencia.

Ora isto não é serio nem correcto. Se a policia entendia que era seu dever evitar o duello, evitasse-o até ao fim, quanto estivesse nas suas forças. Se entendia que se não devia metter n'isso, não se mettesse: fazendo o contrario, ou antes, fazendo ambas as coisas, fez um papel tristissimo, e não evitou coisa alguma. O duello realiso-se á espada, em S. José de Ribamar, no mesmo sitio em que, pela primeira vez — quando a policia não deixava, um dos adversarios, e tres das testemunhas estiveram á espera do outro adversario, cercado á vista em casa pela policia: e, como já dissémos, não teve felizmente consequencias desastrosas, ficando apenas muito ligeiramente ferido na mão direita Pinheiro Chagas, ferimento que não o impediu de continuar o combate, que cessou d'ali a pouco, por se dar por satisfeito o adversario que pedira explicações.

Voltaremos um dia que nos sobeje mais o espaço a este assumpto de duellos, e de legislação contra elles, legislação que na Inglaterra está obtendo os melhores resultados.

— Tinhamos mais dois assumptos para hoje, o desenvolvimento extraordinario do jesuitismo pelo norte do nosso paiz, a que se referiu eloquentemente o sr. Marianno de Carvalho na camera dos deputados, citando o convento de S. Fiel, um verdadeiro ninho de reacção, e a epidemia do typho em Manteigas, que poz em evidencia o talento medico e a heroicidade rara d'um medico de provincia e excellentes rapaz, com quem vivemos muito ha annos em casa do duque de Saldanha e do conde de Tavorde, de quem elle era intimo.

O *OCCIDENTE* publicou no seu ultimo numero o retrato d'esse benemerito que expoz ousadamente a sua vida para salvar uma povoação que luctava obscuramente com a morte.

O povo de Manteigas adora hoje o dr. Sobral como se adora um Deus salvador.

Não sabemos a recompensa que o governo reserva á sua dedicação sublime e estranha nos tempos d'egoismo que vão correndo: o que sabemos é que na historia de hoje o nome do dr. Sobral figura entre os dos primeiros e mais uteis heroes do nosso tempo.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARIA FAVART

Tendo de escrever estas linhas para acompanhar o retrato da celebre actriz que actualmente está em Lisboa, antes de a vermos representar, não podemos de forma alguma fazer um artigo critico a respeito da societaria da comedia franceza que anda em villegiatura artistica pelo estrangeiro, e apenas nos limitaremos a esboçar uma breve noticia biographica d'essa actriz que em França tem um nome glorioso e considerado pelos mais eminentes criticos theatraes.

Não é uma aurora artística, que Lisboa sauda hoje, madame Favart. Já vai longe o tempo em que Theophilo Gautier fallando d'ella dizia que finalmente as ingenuas eram feitas por mulheres novas na comedia franceza.

Nascida em Beaune, em 23 de fevereiro de 1833, Pierrette Ignace Pingaud, que mais tarde tomou do consul Favart que a adoptou, o nome de theatro, de Maria Favart, tem hoje 50 annos já feitos.

Desde o berço fadada actriz, como todas as celebridades, Maria Favart entrou muito cedo para o conservatorio, e sahindo tambem muito nova de lá, debutou aos 15 annos na *Comédie Française*, como escripturada, na comedia de scribe *Valeria*.

Applaudida pelo publico e pela critica, Maria Favart demorou-se porém pouco tempo na casa de Moliere e passou ao theatro das *Variétés*, onde fez com successo varias creações entre ellas a de *Mignon*, que mereceu grandes elogios a esse incomparavel artista, que se chamava Theophilo Gautier.

Além da *Mignon*, Maria Favart representou ali tambem com grande exito a *Petite Fadet*, a *Vie de Bohème*, e outras peças notaveis.

De volta á *Comédie Française* a já afamada actriz teve então ali a mais bella e gloriosa epocha da sua carreira artistica, conquistando numerosos triumphos na criação dos mais difficeis e importantes papeis do repertorio moderno e sendo elevada ás eminencias da arte scenica da França contemporanea.

São numerosissimas essas creações notaveis: sobresahindo entre ellas a da *Julie*, do drama de Feuille, que Jules Claretie considera o maior successo theatral de Favart, a da *Léa* do *Paul Forestier* de Augier, Mathilde do drama de Dumas e Girardin *O supplicio d'uma mulher*, *Helena*, da tragedia burgueza do mesmo titulo de Eduardo Paileron, etc., etc.

Madame Favart, cujas qualidades prodominantes artisticas foram sempre a paixão, o *élan*, a intensidade dramatica, abordou com grande successo o repertorio tragico, e foi muito victoriada pelo publico e pela critica na *Esther*, no *Britannicus*, na *Lucrecia Borgia*, e sobretudo na *Dona Sol do Hernani* em que ella substituiu a celebre mademoiselle Mars.

Como se vê d'esta rapida noticia Favart é uma verdadeira celebridade artistica da França.

A *Comédie Française* fel-a sua societaria em 1854. A imperatriz Eugénia que assistiu á 1.ª representação da *Julia* no antigo camarote imperial do theatro francez brindou-a com uma pulseira de brilhantes; a critica e o publico collocaram-na entre as primeiras summidades artisticas da França contemporanea e Lisboa vai agora ver e julgar essa notavel actriz, cuja vinda a Portugal é uma boa fortuna para o nosso theatro.

No repertorio de madame Favart em Lisboa figuram as suas principaes peças, e entre ellas a nova peça de Georges Ohnet, *Serge Panine*, que em Paris teve grande successo, que é completamente desconhecida em Portugal, e que é um dos ultimos papeis, mas diz-se tambem dos mais brilhantes, da celebre actriz.

R.

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO

No dia 31 de outubro do anno passado foi celebrada com grande regosijo publico, em Mormugão a inauguração do primeiro lanço do caminho de ferro na extensão de 5 kilometros, cujos trabalhos tinham sido principiados em novembro de 1881, e de que o OCCIDENTE deu noticia acompanhada de gravuras em o n.º 129 do 5.º vol.

No artigo que então foi publicado se fez ver qual o estado d'aquella possessão portugueza, e qual a importancia do caminho de ferro como um dos grandes melhoramentos para o Estado da India.

Agora temos que fallar da sua inauguração e para isso servimo-nos da descripção que vem inserta em o *Boletim Official do Governo do Estado da India* n.º 193 de 1882, que nos foi enviado pelo ex.º sr. visconde de Paço d'Arcos governador geral da India e esclarecido official da armada portugueza.

Eis a descripção:
 «As 9 e meia horas da manhã do indicado dia 31, largava de D. Paula a 1.ª galeota do Estado, embandeirada em arco, conduzindo a seu bordo s. ex.º o governador geral com o seu estado maior, acompanhando-a por bombordo e estibordo 2 pequenos vapores, o *D. Maria Pia* e o

Contra-almirante Albuquerque. Uma salva de 21 tiros dada então na fortaleza da Aguada, annunciou o embarque de s. ex.º

Ao tocar no já adiantado e excellente caes ponte de Mormugão foi s. ex.º saudado por uma nova salva, dada pela bateria d'artilheria, que para ali fôra mandada com a necessaria antecedencia, bem como todo o 3.º batalhão do ultramar, e recebido pelo engenheiro em chefe da companhia Mr. Ernest Sawyer, pelo conselho do governo, e por muitos outros funcionarios do Estado.

Do caes dirigiram-se todos para a estação do novo caminho de ferro, aonde logo compareceu s. ex.º revd.º o sr. arcebispo revestido de pluvial, mitra e báculo, precedido de cleresia e irmandades, e tendo recitado as orações do costume, procedeu á benção das machinas.

Em seguida metteram-se s. ex.º, bem como os membros do conselho do governo e os engenheiros chefes, inglez e portuguez, no primeiro wagon, e nos outros os demais convidados, e seguiu o comboio até ao estaleiro dos blocos percorrendo cinco kilometros da linha ferrea já construida.

Ali, apeando-se todos os convidados e tomando lugar sob um pavilhão embandeirado, o engenheiro Sawyer, como representante da companhia e trabalhos até agora executados.

S. ex.º o sr. governador n'um singelo improviso, respondeu tambem em francez, louvando a companhia pelo que tem já feito, felicitando o seu representante, e congratulando-se com os povos da India portugueza pelo grande melhoramento que muito se honrava de inaugurar n'este dia tão fausto e jubiloso.

Passaram em seguida a examinar as machinas e toda a officina, e entrando novamente nos wagons embandeirados e adornados de vistosos panos de côr, voltaram á estação principal a caminho do antigo palacio da fortaleza.

Seguiu-se a isto o magnifico *lunch*, que a direcção da companhia offereceu aos convidados e no qual, segundo a combinação previamente feita, levantou o representante da companhia o 1.º brinde a S. M. El-rei o sr. D. Luiz I que foi saudado com o maior entusiasmo. O 2.º brinde foi a sua Magestade a Rainha de Inglaterra, por s. ex.º o governador geral; o 3.º a s. ex.º o governador geral por Mr. Sawyer; o 4.º á prosperidade da companhia por s. ex.º o governador geral; o 5.º á prosperidade da India portugueza por Mr. Sawyer.

Segundo as combinações feitas anteriormente pelo ex.º governador e representante da companhia, este ultimo brinde pertencia ao mesmo ex.º sr., mas á ultima hora foi cedido á companhia, a pedido do seu representante, que desejava fazel-o em nome da companhia.

Acabado o *lunch* regressou s. ex.º á sua galeota recolhendo-se em seguida ao seu palacio do Cabo.

A concorrência foi enorme, facilitando-se a todos sem distincção de classe o ingresso dos wagons, que successivamente seguiram d'um para o outro extremo da linha já prompta, e toda embandeirada. — De espaço a espaço lia-se em taboetas pintadas: — *Viva por longos annos o governador geral de Goa — Longa vida aos engenheiros*.

Logo depois do caes-ponte erguia-se um bonito arco triumphal em que se liam os dizeres seguintes: — *31 de outubro de 1882. — Viva el-rei. — Viva o governador geral de Goa. — Viva o caminho de ferro*. Dizeres, que se repetiam em outro arco que se tinha levantado junto á estação principal.

THOMAZ DE SOUSA ROSA

Novo governador de Macau

Na campanha do Russelhon em 1794 e 1795, adquiriu fama immorredcra o official superior de artilheria e commandante d'ella na divisão portugueza, José Antonio da Rosa. Como se sabe, na retirada do 1.º de maio, ordenada pelo general em chefe, conde de la Union, ao passo que a artilheria hespanhola soffreu perdas consideraveis, a portugueza dirigida pelos distinctos officiaes Rosa e Teixeira Rebello, poude retirar por meio da neve e dos despenhadeiros das montanhas, sem perder uma unica peça.

José Antonio da Rosa chegou ao posto de tenente general e commandante geral da sua arma. Em 1821 foi eleito deputado ás cortes constituintes, e o juizo que d'elle se faz na analyse d'essas cortes, na *Galeria dos deputados das cortes geraes*, etc., é o seguinte: *homem probo, de rectas intenções e sabedor da sua profissão militar,*

porém quasi nullo em materias politicas, o illustre deputado Rosa tem sido regular nas votações, etc.

D'este honrado e valente militar é neto paterno o major Thomaz de Sousa Rosa, ultimamente nomeado governador de Macau. Nasceu na Venda Secca, proximo a Bellas, a 9 de novembro de 1844, sendo seus paes o dr. Thomaz José de Sousa Rosa, filho do general, e D. Maria Emilia de Bastos.

Habilitado com a necessaria instrucção primaria e secundaria, assentou praça em cavallaria aos 23 de junho de 1864, e matriculando-se no curso respectivo á sua arma, foi nomeado aspirante a official. Concluido o curso, foi promovido a alferes graduado a 8 de janeiro de 1866, e obtida a effectividade do posto, foi promovido a tenente em 14 de fevereiro de 1872 e a capitão a 14 de fevereiro de 1877.

De estatura elevada e bem proporcionado, montando garbosamente a cavallo, tem as condições para ser um bom official da sua arma. Como tal é considerado, e por isso achando-se ás ordens do general o sr. visconde de Sagres, commandante da 1.ª divisão militar, foi chamado para servir ás ordens de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, commissão que exercia á data da sua elevação a governador geral d'aquella importante provincia.

Não faltam pois ao novo governador, nem a instrucção precisa, nem o trato cortezão, nem as tradições honradas de familia, para se poder esperar d'elle o bom desempenho do seu elevado cargo.

O ANTIGO CIRCO PRICE

Na moderna transformação de obras municipaes porque Lisboa está passando, vão de envolta desaparecendo muitos edificios mais ou menos notaveis, que têm a sua historia, que tiveram a sua influencia na civilização, e que marcaram épocas na vida e nos costumes mais ou menos característicos de Lisboa.

Um d'esses edificios que o camartello municipal fez desaparecer, é o antigo Circo de Price, em que o povo de Lisboa e seus arredores passou noites divertidas, e de que ainda hoje muitos se lembram com saudade.

Foi no inverno de 1860 que Thomaz Price inaugurou o seu circo a que deu o seu nome, e o alvoroço que este genero de divertimentos fez em Lisboa está ainda na memoria de todos.

Não seria uma completa novidade, porque já no antigo Circo de Madrid, no largo da Anunciada, e na velha praça do Salitre, Lisboa tinha assistido a espectaculos de cavallinhos e gymnastica, ali se tinham exhibido algumas das celebridades da época, entretanto a feição que Thomaz Price dava aos seus espectaculos, a apresentação dos mais notaveis artistas acrobatas, gymnastas e equestres, o modo como as *funções* eram organisadas, a perfeição dos trabalhos e a sua limpa apresentação fizeram com que durante mais de dez invernos, o Circo Price fosse o divertimento dilecto do publico de Lisboa.

O lugar onde Thomaz Price construiu o seu primeiro circo era uma horta situada ao principio da rua do Salitre, e que estendia o seu muro a todo o comprimento da travessa das Vaccas.

A casa, que tinha a frente para a rua, e por onde se fazia a entrada para o circo, já existia e n'ella esteve muitos annos estabelecida a administração do bairro do Rocio.

Thomaz Price afrou a horta, e comprou a casa e fez construir por conta propria o Circo, que mais tarde deixou de ser seu, em consequencia de hypothecas com que o onerou, indo construir em 1877 um segundo Circo na antiga praça do Salitre, que tambem foi demolido, para a abertura da Avenida da Liberdade. 1

A nossa gravura representa o antigo Circo, pouco antes da sua completa demolição, quando já tinha sido apeiado o predio que lhe ficava contiguo e formava a esquina da travessa das Vaccas.

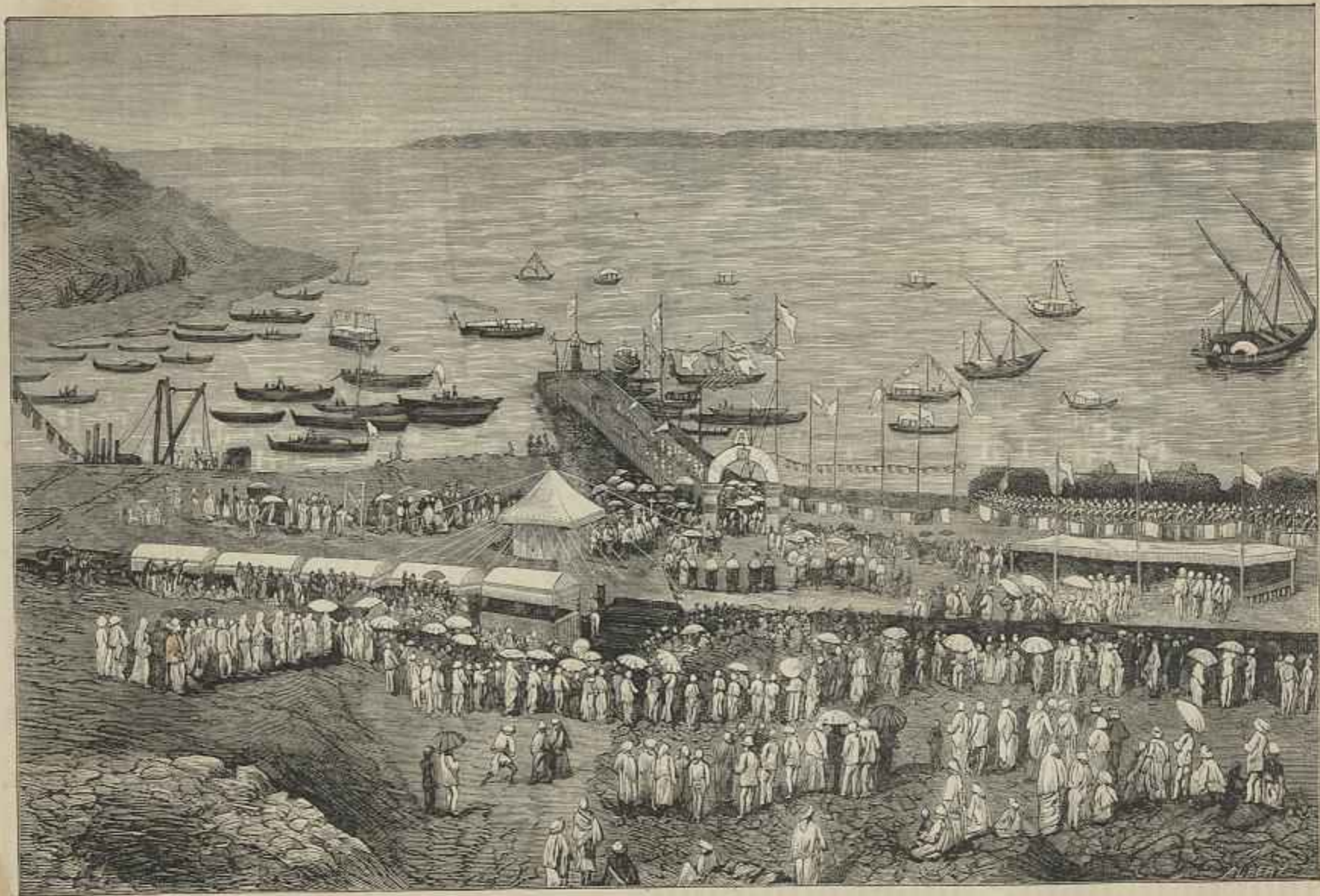
Em outros numeros do OCCIDENTE já nos temos referido ás obras da nova Avenida e á importancia d'este grande melhoramento.

O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

(Continuado do n.º 146)

Nada mais extraordinario do que o contraste que apresenta S. Salvador do Congo, com a idéa que geralmente d'ella se faz.

1 Vide OCCIDENTE, vol. II, pag. 138, 139 e 140.



INDIA PORTUGUEZA — INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO — 31 DE OUTUBRO DE 1882 (segundo uma photographia)

É triste e miseravel o aspecto da povoação, e é o povo mais pobre em recursos de toda a especie, que o viajante encontrou no seu trajecto.

Ribeiro sofreu uma desillusão completa ao contemplar a residencia dos padres missionarios; sendo ainda assim as palhoças, que lhes serviam de habitação, muito melhores que a primeira que lhes fora fornecida pelo rei do Congo. Era sabbado, e á vista d'aquella pobreza, Ribeiro resolveu-se a mandar armar a barraca que levava.

No dia seguinte houve missa, a que o viajante e o rei assistiram, dita pelo chefe da missão, em uma pequena cabana de capim.

O rei, D. Pedro V, entrou pelo cercado dos missionarios na sua tipoia, descalço, vestido em largos pannos de veludo. É excessivamente gordo, alto e de boa presença, conserva sempre uma certa seriedade nos actos publicos, com quanto em particular seja alegre e amigo de conservar.

Finda a missa mandou cumprimentar o major, por seu filho D. Pedro, e Ribeiro foi logo no dia immediato pagar-lhe a visita ao seu *chimbeque*, ou palhoça, apesar da febre que o salteára na tarde do dia 9 e que o obrigou a conservar-se na cama até o dia 11.

N'esse dia começou a dispôr tudo para a construcção da casa da missão, tendo de lutar com a maior difficuldade, a falta de pedreiros; ainda assim, como a missão tinha ao seu serviço uns 12 a 14 rapazes, com esses mesmos foi começando a fazer os pilares de alvernaria, do que teve de de-



THOMAZ DE SOUSA ROSA, GOVERADOR DE MACAU

(Segundo uma photographia de Camacho)

sistir ao terceiro dia, por que d'aquelle modo só esse trabalho gastaria um mez!

Resolveu-se então a fazel-os de madeira, mas como em S. Salvador só ha palmeiras, foi ao que recorreu, de que não ficou arrependido.

Mandou pedir ao rei aucto- rização para cortar algumas mais proximas, e obtida ella, dividiu as palmeiras cortadas em grossas estacas, que depois de bem coalhadas foram cravadas no terreno, atacadas de pedra, cal e barro.

Tão activo foi o trabalho que já no dia 22 pôde tirar uma photographia da casa com jacentes, prumos e frechal, mas que está tão sumida que mal se percebe já.

Foram chegando de Noki algumas partidas de carregadores que transportaram quarenta e tres volumes, comprehendendo toda a ripa e telha.

Infelizmente logo constou que os povos que estancam entre Noki e S. Salvador andavam em guerra, tendo já morrido uns quantos pretos, e que não consentiam que ninguém passasse de Quenguelle para Lucango ou Noki. D'este modo ficavam ainda n'este ultimo ponto todas as portas e janellas, parte do guarda-pó, das varandas, do torro exterior das divisorias, grande parte do solho, tintas, algumas latas de coalthar e as guarnições.

Ribeiro então convidou o rei a mandar emissarios aos povos visinhos, ao que elle acedeu, mediante um presente de algumas fazendas, polvora e o ultimo garrafão de aguardente que o major possuia. Como se sabe a aguardente representa um papel im-



LISBOA — ANTIGO CIRCO PRICE, DEMOLIDO PARA A ABERTURA DA AVENIDA DA LIBERDADE

(Desenho do natural por D. Casella)

portantissimo nas relações com os pretos; ainda veremos adiante como ella resolveu assumpto de maior gravidade para o rei.

Dispoz-se então a partida dos enviados, que deviam alem d'isso levar um officio para a direcção das obras publicas em que Ribeiro, pedía promptos soccorros, afim de se abrirem os caminhos e elle poder concluir a sua missão. Para esta expedição tambem o chefe da missão ingleza concorreu, tendo até offerecido a Ribeiro alguns *Krooboy*s para os acompanharem.

Deixemos falar o relatorio.

«Tendo concluido os trabalhos de assentamento de todas as peças que tinham vindo de Noki, diz Ribeiro, e coalhado toda a madeira do pavimento, determinei que a inauguração do pau de fileira fosse no dia 1.º de novembro. 1

Para esse fim collocámos algumas bandeiras sobre o madeiramento do telhado, improvisou-se uma mesa coberta por uma das barracas que levei de Loanda, por o dia se ter conservado de chuva, e fui convidar o rei para jantar conosco, ao que elle accedeu da melhor vontade.

Atordoaram-nos os ouvidos uns seis a sete musicos durante a refeição, com os seus instrumentos de dentes de elephante e dois tambores. Os tocadores d'estes dois ultimos instrumentos têm presos nos pulsos dois enormes guisos, que constantemente acompanham tão infernal orchestra.

O rei por varias vezes atirava com contaria azul e encarnada aos musicos, os quaes a repariam entre si, sendo todos estes actos acompanhados de enorme vozeria do povo, que, sem exagerar, posso dizer estava todo em torno da barraca.

Pelas photographias pôde-se fazer uma perfeita idéa da musica a que me refiro, e do estado de adiantamento da armação da casa de madeira. Não foi possível até esta data tirar o retrato ao rei, tendo-lhe feito toda a qualidade de promessas, mas vae sempre espaçando a occasião, dizendo que tem de consultar os seus conselheiros.

Tenho tido muita difficuldade em obter boas photographias, por causa do mau tempo que tem estado, chuva constante, muito capim por toda a parte, e o horizonte limitadissimo por causa dos cercados que contornam todas as habitações, mesmo as mais insignificantes cabanas.

Além de ter perdido o banho de prata que o soldado que me acompanhava entornou em Noki, a prata que trouxe de Loanda era em pequena quantidade, o que occasionou ter sempre o banho muito limitado, obrigando-me por isso a resumir muito os clichés.

O extenso platô em que assenta a povoação de S. Salvador, é limitado ao nascente pelo valle de Loèche, aos outros pontos cardeaes, por terrenos uniformemente accidentados, sem arvoredo e completamente cobertos de capim.

E pelo lado de Loèche que serpenteia o rio do mesmo nome, que abunda em excellente peixe.

Este rio no tempo das chuvas trasborda, alagando todos os terrenos marginaes, os quaes conservam durante o anno a agua formando extensos pantanos, aos quaes se devem attribuir as constantes febres que atacam os brancos.

E proximo a este rio que está estabelecido o forno da cal, construido no tempo, segundo me disseram, em que se levantou o pequeno fortim de quatro pontas, que domina todo o valle do lado do platô onde está construido.

E muito trabalhosa a fabricação da cal, porque a pedra para a mesma é extrahida de uma pedreira que fica a 5 kilometros de distancia do forno, e os caminhos são pessimos. Apesar de todas estas difficuldades, o chefe da missão tem conseguido com o carpinteiro que tem ás suas ordens, fabricar e ter em deposito a porção sufficiente para a construcção dos pilares de sustentação da casa de madeira, e se mais não está fabricada é tudo devido á falta de pessoal.

E uma pena ter-se abandonado completamente a obra de fortificação que existe: tinha boas commodações para uma guarnição de 50 praças, e com uns pequenos reparos seria muito aproveitavel para um destacamento.

Ainda existem as paredes da caserna, casa para o capitão e subalterno, casa da guarda e capella. Os taludes interiores e exteriores do parapeto, plano de fogo e banqueta, são revestidos de alvernaria, bem como o talude da escarpa. O interior do fortim estava completamente cheio de capim, hoje, porém, devido aos cuidados do chefe da missão, está perfeitamente limpo, e é pena que elle não possa dispor de alguns meios,

1 O relatorio impresso no *Boletim da sociedade de geographia de Lisboa* diz dezenove, mas é erro, como se conhece pelo seguimento, e como verificamos por cartas particulares.

porque, estou certo, não deixaria desmoronar-se o que ainda hoje existe.

Por algumas photographias que tirei das ruinas da antiga sé, (*Vej. pag. 77 do nosso v.º vol.*) se pôde avaliar os serviços que os nossos antepassados fizeram n'esta localidade em pró da religião e da civilização d'este povo; a igreja tinha 25 metros de comprimento, não contando a capella mór, a qual tem 6 metros com uma largura de 8m,5.

Ainda existe em perfeito estado o arco de pedra que separa a capella mór do corpo da igreja. No corpo d'esta as paredes estão quasi totalmente caídas; as da capella mór estão em bom estado, e parece-me que se o governo tencionava construir alguma capella, (*pedimos attenção*) seria preferivel aproveitar a parte da capella mór, que ainda tem as paredes bem solidas, da qual com pouca despesa se faria uma soffivel igreja para o presente.

Occorre-me tocar n'este ponto, porque os padres da missão ingleza estão com intento de se apropriarem das referidas ruinas, que de facto lhes não pertencem, mas que, dado o caso que assim fizessem, seria então difficil e daria causa a conflictos, o estabelecemo-nos n'ellas com aproveitamento. (*É muito para se considerar a observação judiciosissima que faz aqui o mallogrado official, que com tanta seriedade reflexionou sobre este importante assumpto.*)

É junto a estas ruinas que existe o tumulo de D. Henrique, antecessor do actual rei do Congo; a photographia dá d'elle uma idéa perfeita.

São tres os missionarios portuguezes que estão no reino do Congo: o chefe é incansavel, bem como os seus companheiros, tanto na instrucção dos rapazes, como nas praticas religiosas; tendo junto a si uns antagonistas de força, quer moral, quer argentina, é-lhes difficil competir com elles, pois os inglezes dispõem de muito dinheiro, e por todos os meios tratam de supplantar a influencia dos nossos compatriotas.

Quando a nossa missão chegou ao Congo, a missão ingleza para catechisar os pretos dava aos seus serviçoes, simplesmente por lhe trazerem um copo de agua, uma peça de lençol! Distribuiu pannos ás mulheres do rei, e deu-lhes argolas com pequenas campainhas. (*Repare-se tambem com cuidado em todas estas circumstancias e no que se segue.*)

Esta missão tem ao seu serviço oito ou dez *krooboy*s bem pagos, com os quaes pôde contar para o seu serviço e não lhe succeder, o que succede á missão portugueza, que o mais que pôde conseguir é ter uns treze a quinze rapazes para todo o serviço.

O rei não tem uma opinião bem formada e definida acerca da religião, tão depressa vae á missão catholica como á protestante; como a nossa missão lhe não pôde dar os presentes que elle deseja, porque não tem meios, são os inglezes sempre por elle muito bem recebidos por causa dos bons presentes que d'elles recebe, como pannos de setim, de veludo, boa aguardente, vinho, fazenda, etc., etc.

O confronto entre as duas missões é com effeito para desanimar; para ter alumnos na escola é preciso pagar-lhes ou fazer-lhes toda a casta de mimos; não os podem castigar, porque os paes tiram-nos logo do ensino e deixam fazer aos filhos tudo quanto lhes dá na cabeça.

Continua.

J. B.

MIGUEL ANGELO LUPI

III

Não temos competencia para fallar dos prediçados artisticos de Lupi. Parece-nos comtudo que podemos afirmar que nenhum pintor portuguez contemporaneo tratou com tanto primor e com tanta perfeição a figura humana. Não tendo podido nunca realizar completamente o seu sonho querido, de lançar n'uma tela de vastas dimensões algumas das grandes figuras da nossa historia, Lupi limitou-se ao retrato, ou fez principalmente retratos.

Quando encontrava alguma bella cabeça respirando a intelligencia, como a de Castilho ou de Bulhão Pato, o seu pincel produzia uma obra prima. Tinha o segredo de fixar na tela a expressão verdadeira do rosto que lhe servia de modelo, fosse ella qual fosse, desde a expressão grave, official, concentrada de um notavel personagem politico até a expressão bondosa, meiga, serena e recatada de uma santa mãe de familia. Dizendo isto, referimo-nos aos dois retratos, que podem dizer-se duas obras primas, do duque de Avila e da mãe de Sousa Martins. Este ultimo

retrato sobretudo é verdadeiramente magistral. Só um grande artista podia encontrar na sua palheta a limpidez d'aquelle meigo olhar sereno, onde se reflectem todas as resignações de quem teve na vida os cuidados, as amarguras e ao mesmo tempo as doces alegrias de mãe de familia.

Lupi cuidava extremamente as suas obras. Multiplicava as sessões. Julgava-se sempre muito longe da perfeição. Retocava incessantemente, e conseguiu chegar assim a um primor de execução nos *detalhes* (accete-se o gallicismo) verdadeiramente extraordinario. Se querem a prova, tornem a vêr as mãos do retrato do visconde de Castilho.

Foi esse cuidado, esse zelo, essa paixão pela arte, essa aspiração constante ao ideal que fizeram com que Lupi, apesar de ter começado tarde a dedicar-se seriamente á pintura, não tivesse parado ainda na sua carreira ascendente. Cada quadro novo que pintava era mais primoroso que o anterior, estava longe de ter dito ainda o seu grande talento a sua ultima palavra.

Já os annos lhe tinham nevado largamente na frente, e comtudo a sua paixão pela arte era cada vez mais viva, a sua febre de trabalho cada vez mais intensa. Dava gosto vê-lo no seu atelier modesto e simples, rodeado de quadros seus, em pé diante do cavallette, com o modelo na frente, depois de traçar rapidamente o esboço do quadro, depois de o levar mesmo a um ponto em que todos o julgariam terminado, retocar ainda, emendar, e estar horas e horas enlevado n'essa preocupação sublime, approximando-se cada vez mais do seu ideal artistico, procurando e encontrando a cada instante um novo toque e um novo traço em que estava o segredo da expressão mais perfeita, e infatigavel, sempre de pé, interrompendo-se apenas para fumar um cigarro, ou para disreitear sobre a organização da Academia das Bellas-Artes, um dos seus assumptos predilectos, ou para contar as suas aspirações e os seus sonhos, que se evoluavam e se perdiam como as espiraes azuladas do fumo do cigarro.

Essas aspirações foram o tormento constante da sua vida. A gloria, como elle a sonhava, nunca a pôde obter, não por falta de talento, mas por falta de meios de poder empregal-o... No nome e na figura, Miguel Angelo Lupi parecia um d'esses fortes e exuberantes artistas da Renascença, promptos sempre para o amor e para a arte, para o trabalho e para a lucta, um d'esses pintores como o Dominiquino ou Lanfranc, que pintavam de espada ao lado, artistas militantes, que se batiam pela arte como se bateriam por uma estremecida amante. Lupi contava sempre vêr face a face uma grande tela, ou uma vasta parede, onde podesse fazer brotar um mundo de personagens, onde desenrolasse uma grande scena historica, onde as figuras que pretendia immortalisar viessem agrupar-se debaixo do seu pincel carregado de tinta, attestando depois ao futuro as faculdades creadoras do genio artistico que soubera evocar-as. Se lhe dessem os meios para realizar o seu sonho, teriamos decerto uma obra prima, porque Lupi concentraria n'essa obra predilecta as vastas faculdades que assim dispersou por mil trabalhos secundarios, porque o homem que soube dar tão delicados toques nas doces physionomias femininas, que soube encontrar o difficillimo segredo da expressão da physionomia de Castilho, um rosto sem olhar e em que se adivinha comtudo o genio do poeta, que soube reproduzir como paisagista, a inefavel magia das margens do Mondego, se podesse concentrar n'uma obra verdadeiramente grandiosa essas varias e admiraveis faculdades, se podesse applicar a uma obra, que fosse a expressão definitiva do seu genio, a contenção prodigiosa do seu trabalho, havia de legar ao mundo uma obra prima que seria a mais gloriosa affirmação da arte portugueza na segunda metade do seculo xix.

Debalde o tentou. Fez os cartões da *Partida de Vasco da Gama* e do *Egas Moniz*, mas nunca houve governo que pozesse á disposição do grande artista os meios necessarios para executar o seu trabalho. A impossibilidade de passar para uma tela vasta o seu quadro de *Egas Moniz* foi o espinho constante que lhe pungiu a existencia. Teve de abandonar essa idéa, mas, ao menos, nos ultimos annos da sua vida, pôde affagar em parte o seu sonho predilecto. A camara municipal de Lisboa encarregou-o de pintar um quadro em que mostrasse o marquez de Pombal planeando a reconstrucção de Lisboa.

Empenhou n'esse trabalho todas as suas faculdades, toda a sua attenção e todo o seu entusiasmo. Levára-o quasi ao cabo, pelo menos para o publico, porque para elle de certo, para a satisfação das suas aspirações, estaria muito longe ainda de achar perfeito.

A morte espiava-o entretanto. Giosa eternamente de tudo quanto possa parecer-se com a felicidade, nãide sombria que fluctua nas aguas da fonte onde os sedentos de gloria e de ventura procuram matar o ardor que lhes requeima os labios, a Morte esperava-o alli tambem para o colher nos braços quando elle se debriçasse sobre o crystal magico e transparente. As vezes no ardor do seu trabalho, no fogo da inspiração, sentia uma punhalada subtil varar-lhe o flanco e lembrar-lhe que á beira da encosta, que se sobe para se encontrar a Gloria, caminha tambem a Morte. Emfim, um dia depois de breve doença, que mal deu tempo aos seus amigos para conhecerem o perigo, Lupi deixou cair da mão inerte o pincel prestigioso, e resvalou na campa. Era no dia 26 de fevereiro de 1883.

Não chegou a contar 57 annos de idade, e d'esses 57 pôde dizer-se que 33, e os mais florecos e os mais brilhantes, tinham sido perdidos completamente para a gloria e para a arte. A morte de Lupi foi devéras pranteada; ao seu enterro acudiram os que prezavam o seu altissimo talento e o seu nobilissimo character. Ia o sol a decair no occaso, quando o cortejo funebre atravessava tristemente o cyprestal melancolico do cemiterio, todo gorgoiado de cantos de passarinhos, e doirado pelos ultimos raios do sol que se prendiam ás tranças das arvores esguias. Pairava nos ares uma tristeza solemne. Vozes eloquentes pronunciaram sobre a campa do artista o ultimo adeus. Reinava em todos os espiritos e em todos os corações uma profunda tristeza. E sempre doloroso ver chegar ao seu termo uma existencia gloriosa, mas, quando essa existencia se parte sem ter completado o seu curso natural, quando um artista, um poeta, morrem sem ter podido legar ao mundo os thesouros todos do seu genio, e a ultima expressão das suas faculdades creadoras, então a tristeza é dobrada, e ha no fundo de todos os corações como que uma revolta amarga contra os decretos mysteriosos e inexplicaveis da Providencia ou do Destino.

Pobre Lupi! Foi o que succedeu com elle. Morreu sem ter dado a sua medida completa! Morreu quando o seu *Marquez de Pombal* lhe ia talvez abrir a porta do paraizo das suas ambições, quando ia ter talvez as telas que ambicionava, quando ia poder emfim arrancar da sombra dos seus cartões as figuras que deviam assegurar-lhe a immortalidade! Cumpre-nos a nós, que fomos seus contemporaneos, que podémos apreciar não só o que elle fez, mas o que era capaz de fazer, cumpre-nos hoje dizer ao futuro que o não julgue apenas pela sua obra incompleta, que estude bem os seus trabalhos, que os confronte com a historia da sua vida; porque só assim poderá apreciar com justiça o que havia de grande n'esse artista, que, se não morreu na aurora da sua vida, nem na aurora do seu talento, morreu de certo na aurora da sua gloria.

Pinheiro Chagas.

O AMIGO VISCONDE

VII

Mas na rua, ainda o acompanhavam as palavras da tia Dorothéa: *É preciso fazer-se apresentar no paço!*

Debaixo d'essa impressão, soberbo do seu engrandecimento, austero e altivo, Alvaro descia magestosamente a rua, com um passo grave, como um vencedor glorioso a cujos ouvidos chegam ainda os sons longinquos das marchas triumphaes! E era tão extraordinaria a sua pre-ocupação, que o surpreendeu, ao principio, que toda aquella *pobre gente*, que encontrou no caminho, não ficasse ali parada, admirando-o! Pois parecia-lhe que alguma coisa haveria de denunciar em si o esplendor da sua subita grandeza, um certo ar composto de gravidade e natural indiferença, por que se fazem logo notar as personagens illustres e distinctas. Mas nada d'isso acontecia! E os raros transeuntes que seguiam pela rua, iam caminhando no seu destino, sem sequer reparar n'elle!

Logo que abstrahi da sua pessoa e confirmou o seu reparo, o sentimento de vaedade que o exaltava principiou a decahir, pouco a pouco; e Alvaro foi então caminhando mais abatido e mais lento, como um barco que fosse seguindo a todo o panno, e a que de repente faltasse o vento!

Quando ia já a chegar ao fim da rua, uma carruagem de praça, que atravessava em baixo,

parou. O cocheiro ergueu-se na almofada, com um dedo no ar.

— Quer trem, sr. D. Alvaro?

Alvaro entrou, e mandou bater para o Rocio. Refestellou-se a um canto, com uma perna cruzada sobre a outra, insensível a tudo o que se passava em roda de si, como se aquella caruagem o isolasse completamente do mundo. Fechou os *stores*, e concentrou todo o seu espirito no confronto do seu passado modesto com o esplendor da sua vida presente. Elle tinha uma remeniscencia muito vaga dos primeiros annos da sua infancia. Todo esse tempo tão remoto lhe apparecia na memoria nebuloso e confuso como a impressão fugitiva d'um sonho passageiro. Todavia, d'entre as varias coisas, cujos aspectos se difundiam na sombra indefinida, como n'um quadro dissolvente, duas figuras sympathicas e affectuosas se destacavam com uma impressão muito viva contornadas no fundo escuro d'onde eram evocadas: era a memoria de seu pae, e da velha criada Jeronyma, que o educou nos primeiros tempos! Como isso era longe! Um dia, quando tinha sete annos, uma criança visinha com quem brincava no quintal, perguntou-lhe se não tinha mãe.

— Tenho pae e a Jeronyma.

N'essa noite, quando a Jeronyma o despia, para o deitar, Alvaro recordou-se da pergunta, e repetiu-lh'a.

— Morreu, menino! — respondeu a velha — a sua mãesinha morreu.

Elle repetiu automaticamente: morreu! e nunca mais pensou em tal.

Pouco tempo depois, o pae metteu-o no collegio de jesuitas, em Campolide. Recordava-se ainda com horror do medo que lhe inspirou tudo aquillo! Na primeira noite, quando o fecharam sózinho na camarata, ficou muito tempo a olhar as estrias da luz do corredor coada pelas frinchas da porta. Elle queria ali a sua velha Jeronyma; e, abafando os soluços nas dobras do lençol, dizia baixinho: Jeronyma! Jeronyma!

De uma vez foi o pae visital-o. Esteve todo o tempo da visita com elle sentado nos joelhos, affagando-o e beijando-o muito, aconselhando-o a que tivesse muito juizo. Deu-lhe uma caixa de pastilhas, e, quando o abraçou na despedida, ia a chorar. Desde então, em vez de ir o pae, ia visital-o, de longe a longe, o amigo Xavier.

— Que é do papá? — perguntou Alvaro,

— Teu pae, menino, foi ao Brazil, para liquidar o negocio.

— E quando vem?

— Para o anno.

Mas, depois d'isso, uma manhã, o director fel-o ir á sua presença, e disse-lhe consternado que o pae tinha morrido de febre amarella. O pequeno não sabia bem o que lhe cumpria fazer; mas, como visse o padre a enxugar os olhos ás mangas da batina e a abraçar-o com ternura, desatou a chorar tambem. Exultou depois, quando lhe vestiram um fato preto de lucto; e ao setimo dia, quando assistiu com todo o collegio a uma missa por alma do pae, calculem se não se deveria julgar feliz e orgulhoso, vendo-se alli, tão pequenino, ao lado do director, e todos os condiscipulos, até os grandes, olhando-o com um ar espantado, mixto de consideração e inveja!...

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPIHEMÉRIDES ARTÍSTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1878. — 11. — Debuté no theatro dos Recreios da celebre e formosa voadora miss Leona Daré. A sua despedida foi em 27 do dito mez.

1851. — 12. — Assigna-se em Lisboa a convenção litteraria feita entre a França e Portugal.

1877. — 13. — Morre o distincto pintor, João Christino da Silva lente da Academia das Bellas Artes de Lisboa.

N. em Lisboa a 24 de julho de 1829.

1858. — 14. — É auctorizado aos lentes da Universidade de Coimbra o uso, nas solemnidades publicas dos uniformes, distinctivos e insignias universitarias, apropriadas ao character respectavel do primeiro corpo scientifico do paiz e á gravidade do magisterio e da importante missão que elle desempenha na sociedade.

Até esta data as insignias universitarias só podiam ser usadas nos actos solemnes academicos.

1857. — 15. — É abolido o imposto denominado *subsídio litterario*, que em 1772 havia sido creado pelo marquez de Pombal.

1881. — 16. — Inaugura-se o salão *Sá da Bandeira* no theatro do Principe Real, no Porto, ha-

vendo concerto musical e baile infantil, distribuindo-se premios ás creanças.

1882. — 16. — A sociedade de quartetos de Madrid dá o primeiro dos seus tres concertos no salão da Trindade. Tanto o director d'estes concertos o violinista hespanhol, Jesu del Monasterio, como os concertistas Quelbenzu, Mirecki, Lestan e Arbos, foram todos vivamente applaudidos.

1854. — 17. — Sobé á scena, pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a magnifica opera de Verdi—*O Trovador*.—Obteve deseis enchentes seguidas e os mais estrepitosos applausos todas as vezes que ia á scena. Foi desempenhada pela Castellan, Ersilia Agostini, e pelos srs. Miraglia e Bartolini.

O Trovador foi cantado pela primeira vez no theatro Apollo de Roma em 19 de janeiro de 1853.

1792. — 18. — É sentenciado a degredo perpetuo o infeliz poeta Thomaz Antonio Gonzaga, auctor do celebre poema *Marilia de Dirceu*, pelo crime de cumplicidade na revolução de Minas Geraes. Foi encerrado na fortaleza da ilha das Cobras.

1865. — 19. — Estreia no theatro do Circo Price da notavel primeira tiple Elisa Zamacois cuja apparição foi um immenso successo em Lisboa.

Veu novamente a Lisboa em 1877 onde se demorou cerca de um mez (desde 26 de maio que foi a sua apparição nos Recreios, até 9 de julho, dia da sua despedida).

1818. — 20. — Nascimento da actriz Delphina Perpetua do Espirito Santo. Foi bailarina em S. Carlos, O seu debute como actriz teve logar no theatro do Salitre com a comedia *Peão Fidalgo*.

Esta excellente actriz, a quem todos os actores tanto queriam e lhe chamavam a *sua avósinha*, falleceu em 22 de setembro de 1881. É tida como a *Dezafet portugueza*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS CONTOS DA MAMÃ — *Didicados á Infancia Portugueza, publicados sob a protecção de Suas Magestades, el-rei D. Luiz I e a rainha D. Maria Pia, approvados em conformidade com o parecer da junta consultiva de instrucção publica, para uso das escolas primarias de ensino elementar, por decreto de 14 de dezembro de 1882.* D. Maria Rita Chiappe Cadet, livraria de madame Marie François Lallemand, editora; rua do Theouro Velho, 22, Lisboa.

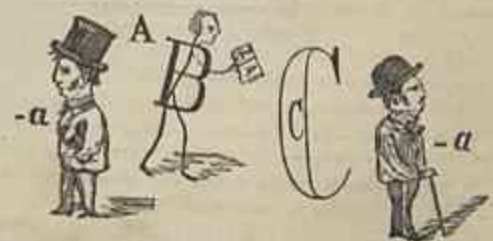
É um formoso livro que não temos duvida em recommendar ás nossas leitoras, porque estamos certos que lhe recommendamos uma leitura sã e moral, o que hoje não é muito vulgar, e por que satisfaz completamente ao titulo que a sua autora, a distincta poetisa sr.^a D. Maria Rita Chiappe Cadet, deu aos seus bellos contos.

Os CONTOS DA MAMÃ são de uma singeleza encantadora, e os themas são perfeitamente escolhidos para darem os melhores exemplos de virtudes, sem que para isso seja preciso recorrer a falsos ideaes, mas unicamente inspirando-se em factos da vida real. É esta uma das melhores qualidades que encontramos n'este livro, porque d'este modo a sua acção é mais efficaz, persuasiva e satisfazendo melhor ás exigencias do espirito do leitor.

A edição d'este livro é luxuosa e illustrada com desenhos de M. de Macedo e gravuras de Alberto, de que publicamos uma como especimen, a pag. 88, dando assim uma amostra das illustrações que o adornam.

A execução typographica do livro, sahido das officinas dos srs. Lallemand Frères é perfeita, o que tudo augmenta os attractivos dos CONTOS DA MAMÃ.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Lohengrin agradou muito no nosso theatro lyrico.

A MULHER — *Revista illustrada das Famílias*, directora Elisa Gaudur, Lisboa. Este periódico semanal que acaba de vêr a luz, e de que já estão publicados quatro numeros, propõem-se a ministrar leitura propria a instruir a mulher, satisfazendo assim a uma das aspirações dos nossos dias, tão sympathica quanto descurada entre nós.

ALMANACH RECREATIVO para 1883, por José Antonio de Menezes, segundo anno, Nova Gôa. E' volume de cerca de 400 paginas contendo além dos assumptos proprios de almanach, muitas e desenvolvidas tabellas commerciaes e burocraticas relativas ao estado da India e uma larga secção litteraria illustrada á similhança do bem conhecido *Almanach de Lembranças*. As gravuras que illustram este livro, em geral muito imperfeitas, revelam-nos não obstante algum progresso, pois que nos parecem ser feitas na India.

A FLOR DAS MARAVILHAS por Alvaro Carrilho, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi editor, Lisboa. Está publicado o primeiro volume d'este romance, cuja acção é passada durante a guerra da península, e ao qual o seu auctor soube dar todo o interesse que prende o leitor. A edição é illustrada com cromos e está sendo publicada aos fasciculos semanais.

MEMORIA Á CERCA DA INFLUENCIA DA MUSICA NA SOCIEDADE, por Angelo Fronzoni. Folheto de doze paginas. O nome que firma este opusculo é assaz conhecido em Portugal, principalmente em Lisboa, onde reside ha quarenta e tres annos; desde pequenos o temos ouvido, e temos podido apreciar as qualidades distinctas que adornam o illustrado maestro. O opusculo é pequeno, e como diz o seu auctor o que encerra não é novo para poucos, mas muito para muitos. O thema é sympathico, está tratado rapidamente, mas tocando os topicos principaes, como de quem sabe o assumpto a fundo. Oxalá cale no animo de todos, e sirva para desenvolver mais o gosto da musica, aliás muito mais desinvolvido, popular e tradicional em Portugal, do que muita gente cuida. O sr. Mendes Leal nas poucas palavras que precedem a memoria, justamente aprecia o auctor pela maneira como tratou o assumpto e pela facilidade com que soube exprimir os seus pensamentos em lingua que não é a sua propria.

REVISTA SCIENTIFICA, redacção Ricardo Jorge e Candido Pinho... Porto. Livraria Universal de Magalhães & Moniz — editores. 12 Largo dos Loyos. E' o n.º 12 do 1.º anno — relativo a dezembro de 1882. Encerra os seguintes artigos:

do sr. Agostinho de Sousa, *as combinações e decomposições chemicas consideradas sob o ponto de vista thermico*; do sr. Moraes Caldas, *o traumatismo e a thermogenese*; do sr. Adolpho Coelho, a continuação do seu estudo *As superstições po-*

letos enviada á exposição nacional de Milão de 1881 — feito pelo sympathico professor José Bellucci, de Perugia, cujo retrato e noticia biographica demos a pag. 183 e 184 do nosso 3.º vol. faz muitas comparações entre os usos e costumes portuguezes, relativos ao assumpto, e os italianos reconhecidos n'aquelles exemplares, bastante curiosos. Vae desinvolvendo a dedicação a estes estudos ethnologicos que vão tomando grande importancia, e por meio dos quaes se resolverão ainda muitos problemas historicos.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 1 de 1883 — redacção dos srs. João Carlos Adrião, João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, João Maria Galhardo, Julio Diniz Sampaio. Encerra entre outros a continuação da *Viagem de instrução feita pela corveta « Bartholomeu Dias » em agosto e setembro de 1882*, a que se segue uma nota — *Navegação que se deve fazer para entrar no porto de Tanger*, coisa antigamente tão conhecida dos portuguezes, e que, infelizmente, é objecto que precisa hoje ser esclarecido. — *Relatorio dirigido pelo commandante da esquadra exterior ao almirante Seymour, por occasião do bombardeamento de Alexandria*; — *Breves considerações sobre o estado actual da marinha de guerra, comparado com a antiga esquadra de vela, Explorações nos mares boreaes, notas estatisticas sobre o movimento das praças de pret do corpo de marinheiros em diversos annos, e estado effectivo em 31 de dezembro de 1882*, e outras relativas a este assumpto; na chronica trata-se da *paragem rapida dos navios a vapor, e da acção do oleo sobre as ondas*.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, n.ºs 4, 5, 6 e 7, relativos a 11, 18 e 25 de fevereiro e 7 de março. No n.º 4 e 5 traz o retrato de *Carlos Navarro Rodriguez*, que foi secretario da junta revolucionaria em 1868, e varios artigos interessantes, entre os quaes um relativo á Marini pelo sr. Julio Cesar Machado, no n.º 6 inclui o retrato e esboço biographico do sr. Anselmo Braancamp, e começa a inserir a traducção do *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz, pela sr.ª de Rute (*Ratazzi*); no n.º 7 ha um documento inedito importante do conde de Cavour, a continuação da traducção do *Primo Basilio*, uma poesia — *Saudação* — do sr. Eduardo Coelho e em todos os numeros artigos muito notaveis, assignados por muitos dos principaes escriptores da Europa.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Tesouro Velho, 6



COMO TE CHAMAS? PERGUNTOU ELLA Á PEQUENA TOMANDO-LHE DAS MÃOS A CAIXA DE PAPELÃO QUE CONTINHA O LENÇO

Gravura extrahida do livro *Os Contos da Mamã*, edição da livraria de M.ªe Marie François Lallemand

culares portuguezas, no qual se expendem varias noticias curiosas sobre as nossas crendices e costumes populares, comparando-as com outros estrangeiros, que é o mais difficil n'este vasto assumpto, para reconhecer toda a importancia ethnologica d'elle; o mesmo se pôde dizer do artigo immediato do sr. J. Leite de Vasconcellos, sob o titulo geral de *Boletim Folklorico*, relativo aos *Amuletos italianos e portuguezes*; n'este artigo a proposito do catalogo da colleção dos amu-

lados portuguezes, no qual se expendem varias noticias curiosas sobre as nossas crendices e costumes populares, comparando-as com outros estrangeiros, que é o mais difficil n'este vasto assumpto, para reconhecer toda a importancia ethnologica d'elle; o mesmo se pôde dizer do artigo immediato do sr. J. Leite de Vasconcellos, sob o titulo geral de *Boletim Folklorico*, relativo aos *Amuletos italianos e portuguezes*; n'este artigo a proposito do catalogo da colleção dos amu-

O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro
SEXTO ANNO — 1883

PREÇOS D'ASSIGNATURA

PARA O CONTINENTE DE PORTUGAL E AÇORES	
Franco de porte, moeda forte	
Anno ou 36 numeros.....	5\$800
Semestre ou 18 numeros.....	3\$200
Trimestre ou 9 numeros.....	\$950
A' entrega, cada numero.....	\$120
POSSESSÕES ULTRAMARINAS D'AFRICA	
Franco de porte, moeda forte	
Anno.....	4\$000
Semestre.....	2\$000
ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Franco de porte, moeda forte	
Anno.....	5\$000
Semestre.....	2\$500
BRAZIL	
Franco de porte, moeda fraca	
Anno.....	15\$000
Semestre.....	7\$500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.º, 2.º e 3.º	
Cada um encadernado.....	4\$000
" " brochado.....	3\$000
4.º e 5.º	
Cada um encadernado.....	5\$000
" " brochado.....	4\$000
Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce reis por volume.	1\$000

Preços de séries

De 12 numeros seguidos relativos aos 1.º 2.º e 3.º volumes.....	1\$500
De 5 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	\$750
De 18 numeros seguidos relativos aos 4.º e 5.º volumes.....	2\$000
De 9 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	1\$000

Preços dos numeros, supplementos e indices avulsos

N.ºs 1 a 72 cada um.....	\$100
N.ºs 73 em diante cada um.....	\$120
Supplementos.....	\$400
Indices e frontespicios juntos e capa de papel....	\$120

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

Em pano chagrin com ornatos preto e oiro	
Cada uma.....	\$800

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882 E 1883

Cada um.....	\$200
--------------	-------

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

PELO COMMENDADOR GIL VAZ	
Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo.....	\$500

A COMEDIA BURGUEZA

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos	
EDIÇÃO DE LUXO	
Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo.....	\$600